

## ESTATUTO DOS PREENCHEDORES DE ENUNCIADO EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

LEONOR SCLiar-CABRAL E DANIELA ARALDI  
(UFSC/CNPq)

### 1. Introdução

O propósito deste artigo é examinar o estatuto dos preenchedores de enunciados em aquisição da linguagem, tomando como evidência os dados extraídos de um *corpus* de 1320 enunciados, extraídos de uma criança brasileira com 20 meses e 21 dias.

Parte-se da premissa de que tais preenchedores diferem em suas funções daquelas exercidas nos enunciados dos adultos, apresentando como semelhante somente a função de auxiliar nos processos de produção dos enunciados, a saber, durante seu planejamento, execução e monitoria, nos assim denominados fenômenos de pausa e hesitação, por sinal, na fase de execução, com uma frequência ainda maior que a constatada entre os adultos, uma vez que a criança ainda não domina suficientemente seu programa motor.

Ao contrário do adulto, a criança não se utiliza dos preenchedores com função discursiva, para dar início, continuidade ou manutenção do discurso, ou mesmo para assinalar a seu interlocutor mudanças de turno, ou dele obter anuência, uma vez que ainda não atingiu psicologicamente consciência do *self*. Por outro lado, se utiliza dos preenchedores com funções específicas para aquisição da linguagem, quais sejam, para completar um grupo tonal ou rítmico e para assinalar a posição de morfemas gramaticais livres que ainda não domina, como os pronomes pessoais, os determinantes, as preposições e alguns modais. Estas duas últimas funções entram em conflito com a utilização das pausas plenas como auxiliares da produção no fenômeno das pausas e hesitações, uma vez que, neste caso, o enunciado se torna disrupto.

Acrescentamos, ainda, mais uma função, a de resumitivo, uma vez que, por limites à extensão média dos enunciados (M.L.U.) que pode produzir, a criança se vale de estratégias para condensar os constituintes num preenchedor.

O estatuto das pausas para assinalar categorias gramaticais deve ser, pois, acolhido com prudência, quer naquilo que a criança é capaz de perceber na fala a ela dirigida (CDS), quer no que produz, sendo esta última questão o objeto deste artigo. A primeira questão foi defendida e depois rejeitada por McNeill (1966), na base de que as unidades derivadas do sinal acústico não correspondem necessariamente às unidades críticas dos enunciados. Jusczyk (1997:138), ao comentar McNeill, corrobora suas conclusões finais: “as pausas na fala podem ser o resultado de hesitações que dizem respeito à busca da palavra correta, tanto quanto o de razões sintáticas” (trad. das autoras).

## 2. Primeiras pesquisas sobre as pausas e hesitações

Trager (1958, 1961) foi o primeiro lingüista a focalizar o fenômeno das pausas, ao dividir os três tipos de eventos que se utilizam do aparelho fonador para fins paralingüísticos: a linguagem propriamente dita, a qualidade da voz e as vocalizações. Mas Lounsbury (1954), anteriormente, já havia tratado da questão do ponto-de-vista psicolingüístico, enquadrando-o na hesitação. Posteriormente, quem mais se dedicou à pesquisa sobre as pausas e hesitações foi Goldman-Eisler (1958 a,b): ela constatou a relação entre a frequência das pausas e a complexidade lexical.

Numa comunicação pioneira apresentada ao IV Encontro Nacional de Lingüística em 1981, Scliar-Cabral, Martim e Chiari apresentaram o primeiro levantamento paradigmático, no português, das pausas plenas (*fillers*), no presente artigo denominado de preenchedores. Tratava-se de um paradigma sob a ótica da psicolingüística, dividindo as pausas com a função de codificação e as pausas com a função discursiva: as primeiras com a função de permitir ao locutor ganhar tempo para planejar o discurso e executar o programa fonoarticulatório, isto é, facilitar no “planejamento, execução e monitoria, servindo para propiciar tempo ao emissor a fim de traduzir o pensamento em estruturação lingüística, selecionar o registro adequado ao seu interlocutor, acessar e puxar os itens lexicais, acionar os gestos vocais e articulatórios e corrigir possíveis falhas de execução” (Scliar-Cabral e Biasi Rodrigues, 1994); as segundas, com a função de obter “retroalimentação do interlocutor, mantê-lo preso ao discurso e manter, assinalar ou assumir mudança de turno”(ib.).

## 3. Os preenchedores em aquisição da linguagem

Nesta comunicação, porém, trataremos dos preenchedores em aquisição da linguagem e, desde logo, é preciso deixar bem claro que somente nalguns aspectos poderemos reconhecer semelhanças entre as funções da criança e as do

adulto, ou seja, quando indicadoras, nalguns casos, de que a criança está fazendo ensaios para encontrar o item lexical e executá-lo dentro de um programa articulatório que ela ainda não domina. As outras funções que a criança apresenta são específicas da aquisição da linguagem. Por outro lado, como cognitivamente ainda não domina o *self*, não faz uso, para relacionar-se com o interlocutor, das pausas conversacionais.

Scarpa (1997:5), referindo-se aos *filler-sounds*, ou guardadores de lugar (*place-holders*), assim os define: "os *filler-sounds* são normalmente descritos como sílabas ininteligíveis, de caráter idiossincrático ou não, convivendo ou não com seqüências mais "produtivas" ou mais "semelhantes às do adulto", mas que se enquadram numa matriz ou contorno entonacional, caracteristicamente configurado como um grupo rítmico ou um grupo tonal. *Filler sounds* também têm sido invocados como embrionários de categorias sintáticas, definidas posicionalmente: sujeito preenchido, artigo, cópula, etc."

Os dados para discutir o estatuto dos preenchedores são extraídos do *corpus* de uma criança de 20 meses e 21 dias que adquiriu o português como primeira língua. As ocorrências são extraídas de 1320 enunciados, transcritos foneticamente (Scliar-Cabral, 1977), que já constam do Banco Mundial de Dados CHILDES, com as respectivas glosas. Na época em que os dados foram colhidos, a criança se encontrava na fase de MLU (Extensão Média de Enunciado, EME), 1.45, conforme os critérios estabelecidos por Roger Brown (1973) e adaptados à segmentação de itens lexicais no português. Examina-se, em detalhe, o papel dos preenchedores (*fillers*) que, na época da tese de doutorado (Scliar-Cabral 1977), haviam recebido o nome de partículas: ao contrário de atribuir-lhes a função exclusiva de marcadores de lugar sintático, ou de complementadores de um padrão entoacional, as autoras postulam estas duas funções concomitantes, além de facilitadoras do planejamento e da execução dos enunciados incipientes da criança, uma vez que não há restrições para sua distribuição. Sendo assim, embora em muitos casos possa se atribuir ao preenchedor o lugar de um futuro determinante, de uma preposição ou de um pronome pessoal, noutros, fica evidente que o preenchedor exerce o mesmo papel de uma pausa plena, seja de planejamento, seja de execução ou monitoria. Em adendo, da análise dos enunciados da criança, uma nova função é atribuída aos preenchedores, a de resumitivos de itens cuja inserção acarretaria um enunciado muito longo para a capacidade de produção da criança.

#### 4. Marcadores de lugar

Embora algumas correntes afirmem que desde os primeiros enunciados a criança já apresente estruturas com espaços para tempo, concordância, sujeito e objeto, isto é, que já carreguem todas as projeções lexicais e funcionais (Hyams, 1986), a posição das autoras é a de que, por limites maturacionais, tais enunciados

carecem das marcas enunciativas que opõem as pessoas do discurso e não apresentam, igualmente, marcas de casos: estão ausentes os morfemas puramente gramaticais presos e livres e basicamente não se estabelecem relações determinadas pela ordem dos constituintes na cadeia, uma vez que quase na sua totalidade os enunciados são de um só item. Estas características são encontradas nas crianças até que comecem a produzir cadeias com mais de um item, por volta dos quinze meses.

Aos vinte meses, idade do sujeito da presente pesquisa, a criança já apresenta alguns morfemas gramaticais presos, como é o caso do morfema de 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do Indicativo, forma ainda não marcada, uma vez que contrasta com o Infinitivo, mas não com as outras pessoas do discurso, de modo sistemático. No entanto, os preenchedores de lugar já começam a sinalizar a posição do pronome pessoal, como os exemplos a seguir:

#### 4.1 Pronome pessoal

756	o kɛ ba	eu que(r) água
774	o kɛ po	eu que(r) po(r)
1059	m kɛ pa'paj	eu que(r) papai
1294	m'kaj a'ki	eu cai aqui

Observe que, nos exemplos acima, o preenchedor ora é [o], ora é [m]: a 1ª pessoa do discurso começa a emergir, mas não de forma consistente, uma vez que o verbo continua na 3ª pessoa do singular não marcada e, por outro lado, na maioria dos enunciados verbais o preenchedor não comparece.

Examinaremos, a seguir, outros marcadores de lugar.

#### 4.2 Preposição

336	mbo'tô pa'paj	no botão do papai (brincadeira ritual com a criança)
489	m ma'ma	para lava(r)
629	e pa paj	no papai
1061	fa'je a'mew	faze(r) na mão

Prepondera a função locativa marcada pelo preenchedor, mas também a de finalidade na oração infinitiva (é, de resto, a primeira oração subordinada que emerge na criança).

#### 4.3 Determinante

Depois do preenchedor de hesitação, o que aponta para o determinante é o que mais ocorre na criança. Como foi comentado em relação à incipiência do pronome pessoal, também não se pode afirmar que a criança domine sistematicamente o uso do artigo, pelas razões abaixo:

- 1 - deixa de ocorrer na maioria dos enunciados onde seu emprego seria gramatical;

2 - não obedece à flexão;

3- apresenta muitas variantes em sua realização.

Vejam algumas das ocorrências, a título exemplificativo:

134	a wa'wáw	o auau
248	mka'ka	a galinha
343	umaki'ki	a máquina (de escrever)
366	amuga'ga	a mú(sica de Luís Gon)zaga
405	m'be	um beijo

Pode-se levantar a hipótese de que a criança já comece a ensaiar a alternância entre o artigo definido e o indefinido, embora não faça as concordâncias. É interessante a confirmação de que, ao segmentar cadeias dos adultos, a criança retenha o início e final das sílabas de intensidade, como no exemplo 366, onde, em adendo, se observa a reduplicação silábica. Esta estratégia resumitiva fica mais evidente quando o preenchedor é utilizado na posição do auxiliar, como veremos a seguir.

#### 4.4 Auxiliar resumitivo

367	m'po ga'ga	(va)m(os) po(r o Luís Gon)zaga
462	m'po tupa'pa	(va)m(os) po(r ou)t(r)u sapa(to)
867	m se'se a'ki la	(va)m(os) desce(r) aqui (e ir) lá

Note-se, como recorrente, o uso da reduplicação, processo auxiliar que replica o mesmo gesto fonoarticulatório.

#### 5. Filler sound

Um caso particular de inserção do preenchedor ocorre com a glotal “na parte inicial (*onset*) ou na porção pré-nuclear de um tom ascendente”... “é um suporte prosódico” (Scarpa:7), somente encontrada em um de seus sujeitos (por facilidade de digitação, assinalaremos o padrão entoacional com os números 1, 2 e 3, a partir dos tons mais baixos):

121	a <sup>1</sup> ?a <sup>2</sup> ki <sup>2</sup>	aqui
187	?aj <sup>2</sup> ?aj <sup>2</sup> ?aj <sup>3</sup>	aiaiai

#### 6. Hesitações

A ocorrência mais freqüente é, porém, das hesitações, seja porque a criança não tenha o item lexical prontamente disponível, seja porque não domine os gestos fonoarticulatórios para executá-lo. Pinçamos apenas dois exemplos, como ilustração:

193	ka'te m...mna m... mná m... 'new ... 'new te...m'te	carretel não tem
373	ma...ma...maki'ki	máquina (de escrever)

Esta última ocorrência é antagônica à anterior, uma vez que o padrão de entoação fica disrupto.

## 7. Conclusões

Nesta comunicação, procuramos discutir o estatuto dos preenchedores em aquisição da linguagem, a partir dos dados empíricos de uma criança que estava adquirindo o português. Argumentamos que das funções que eles exercem apenas uma se assemelha às utilizadas na fala do adulto, ou seja, o preenchedor que ocorre nas hesitações.

Os dados ratificam muitos dos achados de Scarpa, quando define as funções dos *filler sounds* e dos marcadores de lugar. Acrescemos o papel de muletas para o planejamento, execução e monitoria, bem como a de resumitivos para compensar os limites à produção de enunciados muito extensos na fase em que se encontrava a criança pesquisada.

## Referências Bibliográficas

- Brown, R. *A first language. The early stages*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1973.
- Goldman-Eisler, F. Speech production and the predictability of words in context. *Q.J. Exp. Psychol.*, 1958a, 10:96-106.
- \_\_\_\_\_. The predictability of words in context and the length of pauses in speech. *Language and Speech*, 1958b, 1:226-236.
- Hyams, N. *Language acquisition and theory of parameters*. Dordrecht: D. Reidel, 1986.
- Jusczyk, P.W. *The discovery of spoken language*. Cambridge, Mass., A Bradford Book, The M.I.T. Press, 1997.
- Lounsbury, F.G. Transitional probability, linguistic structures and systems of habit-family hierarchies. In: C.E.Osgood e T.A.Sebeok (Orgs.) *Psycholinguistics, a survey of theory and research problems*. Baltimore: Indiana Univ, 1954:93-101.
- McNeill, D. 1966. Developmental psycholinguistics. In E. Smith e G.A. Miller (orgs.) *The genesis of language*. Cambridge, Mass.: M.I.T. Press.
- Scarpa, E. Relações entre fatos prosódicos e fatos sintáticos: o caso dos "sons preenchedores". Cópia não publicada. 1997.
- Seliar-Cabral, L. *A explicação lingüística em gramáticas emergentes*. Tese de doutorado, não publicada. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1977.
- \_\_\_\_\_. e Bernardete Biasi Rodrigues. Discrepância entre a pontuação e as pausas. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 1994, 26:63-77.
- \_\_\_\_\_. , Erotilde G.P. Martim e Brasília Chiari. Fenômenos de pausa e hesitação em língua portuguesa. *Anais do IV Encontro Nacional de Lingüística*. Rio de Janeiro: PUCRJ, 1981:124-41.
- Trager, G.L. Paralanguage: a first approximation. *Studies in Linguistics*, 1958, 3:1-12.
- \_\_\_\_\_. The typology of paralanguage. *Anthropological Linguistics*, 1961, 3:7-21.